

Editorial

X O papel da oposição

Qualquer líder forte apoia-se também numa oposição forte. E para que uma sociedade seja forte, precisa de aglutinar todas as forças que lhe compõem, por mais díspares que elas sejam. Uma oposição frágil, que no lugar de confrontar o governo com políticas alternativas procura a acomodação, é o pior perigo que uma sociedade democrática pode enfrentar.

Uma sociedade forte precisa igualmente de uma sociedade civil forte que contribua com as suas mais variadas idelas para o engrandecimento dessa mesma sociedade. Não é de grupelhos de indivíduos desesperados, pereneamente à caça das migalhas deixadas cair debaixo da mesa do poder que se constroem sociedades fortes, dinâmicas e prósperas.

Por isso se pretendemos construir um Moçambique forte, dinâmico e próspero, uma sociedade moçambicana onde, nas nossas mais diversas expressões todos cabemos, devemos desencorajar as tendências para uma oposição cada vez mais domada e subserviente; uma oposição que, despida de qualquer tipo de ideias construtivas, descapitalizada e sem futuro, oferece-se livremente ao poder, na esperança de que este depois se encarregue da sua eterna sobrevivência.

A oposição não tem que estar necessariamente no parlamento. Uma sociedade heterogénea é feita também de pequenas expressões político-ideológicas, económicas, sociais e culturais cujos números são tão insignificantes que nem sempre podem conseguir corresponder ao rigor matemático imposto pelas leis eleitorais para se posicionarem no parlamento. Mas a insignificância numérica não pode ser confundida com irrelevância total. Esses partidos representam uma determinada franja da sociedade moçambicana, por mais pequena que esta seja.

Esses grupos representam interesses próprios que, devidamente articulados pelos seus legítimos representantes e em fóruns próprios, podem contribuir para a solidificação da unidade nacional e minimizar o potencial para conflitos destrutivos.

A coaptação dos opositores é a arma dos fracos; os pobres de espírito. Os fortes, esses impõem-se através da razão, aceitando que os seus oponentes podem ter razão, mas que os seus argumentos são mais persuasivos.

É triste o que se passa em Moçambique, onde autênticos mendigos, mascarados em políticos da oposição, se curvam perante o poder, oferecendo-se a este de corpo e alma, suplicando para que lhes deixe recolher para a sua tigela os restos do seu último banquete.

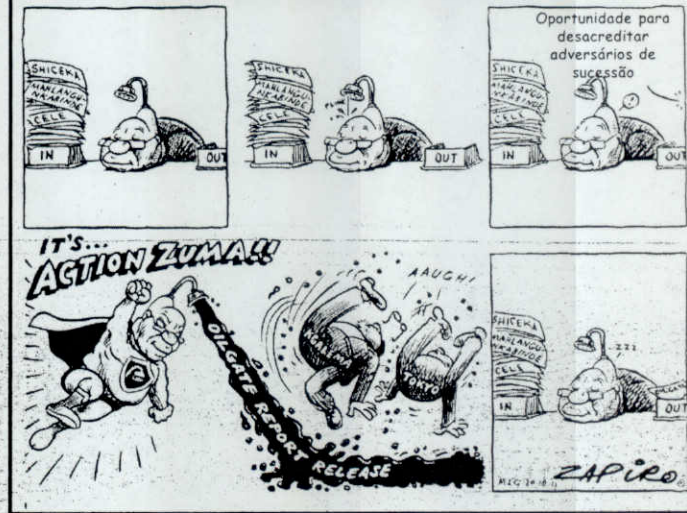
Na sua generosidade, e embalado na natureza pseudo correcta dos seus princípios, o poder vai subvertendo toda a sociedade, apropriando-se de recursos e instituições públicas que as coloca ao serviço da sua ideologia partidária, exercida eufemisticamente para servir o povo.

Os que, fazendo uso do seu direito constitucional à livre expressão ousam questionar certas políticas do governo, não são poupados da longa cartilha de rótulos pronto-a-vestir; *Va hanta*. Uma expressão ronga que quer dizer que estão alucinados. O singular é *wa hanta*. Assim, conjugada no plural, significa que há muitos alucinados neste país.

Não há nada no mundo político que se assemelhe a uma "oposição construtiva"; nem como bloco, nem como rochedo. O papel da oposição é o permanente questionamento da acção do governo, exigindo que este preste contas ao público sobre as suas actividades. Quando a oposição assume-se como "construtiva", quer na letra quer no espírito, esvaziam-se todas e quaisquer pretensões de se ser oposição. Uma oposição "construtiva" torna-se, por esse facto, parte integrante do governo do dia.

O espaço deixado vago pela oposição que se deixou transitar para o "construtivo" passa a ser ocupado pela verdadeira oposição, aquela que tem questionamentos sobre o governo. É uma oposição que, não dispendo de uma liderança centralizada, é geralmente propensa à anarquia. Num ambiente de anarquia, todos podem falar ao mesmo tempo sobre coisas totalmente diferentes. É neste tipo de ambientes onde se evidencia a violência gratuita, mas sobre a qual ninguém assume responsabilidades. Porque não há um interlocutor válido, devidamente identificado. É neste tipo de sociedade onde pretendemos viver?

CARTOON



A Talhe de Foice

Machado da Graça

A oposição

O Conselho de Ministros constituiu uma comissão encarregada de aconselhar o Presidente da República em todas as questões relacionadas com as condecorações nacionais.

A comissão é formada por 11 elementos e, se bem percebi ao ouvir a lista na rádio, 10 deles são sólidos frelimistas e o décimo primeiro é o Presidente do PIMO, o senhor Yacub Sibindi.

Se bem percebo o nome do senhor Sibindi aparece ali porque seria demasiado escandaloso a comissão ser formada totalmente por militantes da Frelimo. Isto é, ele está ali para se poder dizer que a comissão é formada por elementos da Frelimo e da oposição. Está ali, em resumo, a representar a oposição existente no país.

Ora em Moçambique há dois partidos da oposição representados a nível parlamentar, a Renamo e o MDM. Não deixa de ser bizarro, portanto, que a oposição na tal comissão seja representada por um partido praticamente sem nenhuma representatividade eleitoral.

A única explicação possível é que a Frelimo, nem estando em maioria de 10 para 1, aceita o risco de envolver a oposição verdadeiramente representativa nessa delicada questão das condecorações e reconhecimento pela

Pátria daqueles que melhor a serviram. Frelimo joga pelo seguro e o seguro é um dos porta-vozes da chamada Oposição Construtiva que, de oposição, não tem absolutamente nada.

De resto isso agora virou moda. Seja qual for o acontecimento solene que ocorra lá estará, como representante da Oposição, o senhor Sibindi ou, mais frequentemente nos últimos tempos, o senhor Mabote, dirigente de um outro partido sem nenhuma representatividade eleitoral, o Partido Trabalhista.

Quer um quer o outro fazem sempre discursos de circunstância, sempre bajulando o poder do dia, uma ou outra vez tocando, ao de leve, algum pequenino ponto em que declaram não estar de acordo com a política oficial, voltando logo a seguir aos elogios e salamaleques.

E, com esta manobra, o Governo procura dar um ar de pluralidade, mal se apercebendo do ridículo em que este tipo de coisas o faz cair.

Falsa solução democrática, encontrada sem qualquer espécie de sutileza política, apenas tentando atirar areia para os nossos olhos.

Ora é sabido que areia nos olhos provoca irritação dolorosa.

E é isso que eu me sinto sujeito neste momento.

SAVANA

Registado sob número 007/RR/DNI/93

Propriedade da
mediacoop SA

Conselho de Administração:
Fernando B. de Lima, (Presidente),
e Naita Ussene

Direcção, Redacção, Publicidade e Administração:
Av. Amílcar Cabral nº1049 - C. P. 73
Telefonos: +258 21301737/327631, 82-3171100 e
84-3171100 Fax: +258 21302402 (Redacção)
82 3051790 (Publicidade/Directo)

e-mail: savana@mediacoop.co.mz (Redacção)
adm@mediacoop.co.mz (Administração)
Internet: www.savana.co.mz;
NIJIT: 400109001

Delegação na Beira:
Prédio Aruãgua, nº 32 - 1º andar, Ap. A
Telef.: Fax: +258 -23 - 32795677 * C. P. 15
e-mail: media.beira@teledata.mz

Director: Kok Nam
Editor: Fernando Gonçalves

Coordenador da Redacção: Francisco Carmona

Redacção: Fernando Manuel, Salane Muchanga, Emídio Beula e Raúl Senda;
Fotografia: Naita Ussene (Editor) e Joel Chiziane (e-mail: foto@mediacoop.co.mz); Colaboradores permanentes: Machado da Graça, António Cabrita, Carlos Serra, Luis Guevane, João Mosca, Paulo Mubalo (Desporto) e Isadora Ataide. Secretariado: Emília Banze, Maquetização: A.S.M. Revisão: Gervásio Altendor Nhalicale; Publicidade: Benvidina Tamele; (btamele2000@yahoo.com.br); Distribuição: António Moiane. Distribuição via e-mail (PDF): Miguel Bila (mediataf@mediacoop.co.mz); Impressão: CEGRAF. Maputo - República de Moçambique